

# Esperança

---

*Diana Dadoorian\**

O filme *Children of Men*, de Alfonso Cuarón, foi lançado em 2006. A tradução literal do título em português é “Filhos do Homem”. Entretanto, no Brasil, a tradução escolhida já nos dá a pista do tema que se coloca como pano de fundo nesse filme: a esperança. E é a esperança que também prestígio e escolho como título deste trabalho.

Na primeira vez que assisti a *Filhos da Esperança* me chamou a atenção o lugar de destaque que foi dado à criança no filme: ela tem importância vital para a humanidade. Desde Freud, os psicanalistas entendem a importância que tem o nascimento de um filho, num nível individual, para os pais, ou, melhor dizendo, para o narcisismo dos pais, além da continuação da própria espécie humana, como nos falou Darwin. Entretanto, esse filme amplia esse olhar e nos mostra que o nascimento de uma criança tem efeitos também no nível macro e social, pois representa o renascimento da esperança, do novo, do que está por vir. É a vida que pulsa, que insiste em se fazer presente, até quando tudo parece estar perdido.

Entretanto, ao assistir novamente *Children of Men*, agora em 2018, me surpreendi aflighta, pois, guardadas as devidas proporções, a ficção se assemelhou muito com a realidade. Foi como se estivesse assistindo a um noticiário de televisão, onde a cada momento somos bombardeados com cenas de muita intolerância contra os imigrantes, que são perseguidos e tratados com frieza e crueldade em muitos países. Nesse sentido, esse triste futuro descrito no filme, se tornou presente muito rapidamente.

---

\* Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em Psicologia Clínica e Psicopatologia pela Université Paris VIII. Coordenadora do Curso de Especialização em psiquiatria e psicanálise com crianças e adolescentes, do Instituto de Psiquiatria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ).

Nessa ficção científica somos apresentados a um mundo em colapso, caótico, em função da infertilidade mundial. Somente um país tem um governo, país este onde se passa o filme, mas em função do grande número de pedidos de asilo, adota medidas violentas de combate aos imigrantes. Nesse governo autoritário, o estrangeiro, representado na figura dos imigrantes, é visto como inimigo do Estado, sendo perseguido, punido e até assassinado. Os campos de refugiados descritos no filme muito se assemelham aos antigos campos de concentração nazistas. Nos deparamos com um mundo em que o foco é dado para a produção, para o dinheiro e menos ao amor ao próximo e à solidariedade.

A infertilidade da população está em cena, mas suas causas são desconhecidas. A população não se reproduz há muitos anos e o último homem que nasceu, o que aconteceu há dezoito anos, havia morrido. Num mundo infértil, os raros bebês são tratados como celebridades, são idolatrados. Assim, o nascimento de uma criança não é mais do domínio privado de suas famílias, mas, ao contrário, pertence agora ao domínio público. De fato, não é só a morte de uma pessoa que está em questão, mas a perspectiva de que a humanidade está próxima do seu fim, o que gera muita insegurança nas pessoas.

Nesse contexto, somos apresentados ao personagem que vai ter papel central no filme, Theo, um ex-ativista político, que, por sua vez, também perdeu seu filho quando este ainda era criança, fato que o abalou profundamente. Essa dolorosa perda alterou de forma radical a sua vida, pois seu casamento é rompido, seus ideais políticos não o motivam mais, tampouco seu trabalho e ele se torna funcionário público, um homem comum, mas sem se render ao sistema. Enfim, Theo sobrevive, mas também se inquieta e ao longo do filme se questiona sobre qual o sentido da vida. Entretanto, ele possui um humor fino, que aparece em algumas cenas, o que lhe dá um brilho próprio e o salva de uma condição de total passividade.

Por outro lado, Julian, ex-mulher de Theo, lidou com a perda do seu filho de outra forma. Ela continua sendo uma ativista política, é a líder de um grupo terrorista, os Peixes, que luta pelos direitos dos imigrantes. Através dela e de seu grupo, surge então no filme outro personagem fundamental na estória: Kee, uma mulher jovem africana, imigrante ilegal e que está grávida. Julian contrata Theo para que este consiga documentos legais para Kee. Mas, à medida que a trama se desenvolve e com a descoberta da gravidez dessa jovem, Theo se envolve com o seu caso e se torna seu protetor. Julian lhe revela seu intuito em levar Kee até o barco “*Tomorrow*”, do “Projeto Humano”, formado por cientistas que pesquisam a cura da infertilidade humana.

Acompanhamos, então, ao longo do filme o esforço de Theo em salvar essa gestante e seu bebê e os levar a salvo em busca do “Amanhã”. Renascimento em Theo de um sentido em viver?

Esse grupo terrorista se incumbem de cuidar dessa jovem mãe e seu bebê. Entretanto, no seio desse grupo há divergências com relação ao destino que será dado a essa criança, que também resulta em mortes. Enquanto Julian pensa no futuro dessa jovem mãe, assim como, no da humanidade, pois deseja que essa gravidez seja pesquisada pelos cientistas que poderão ajudar a entender as causas da infertilidade humana, outros membros do seu grupo querem usar o bebê como bandeira política, de apoio à revolução que está sendo orquestrada. No entanto, ao planejarem a morte de Julian, seus colegas não percebem que se assemelham ao governo autoritário e violento que tanto criticam.

Através de Theo e da sua busca de encontrar meios para salvar essa jovem grávida vamos conhecendo mais profundamente outros aspectos dessa sociedade. Somos assim apresentados a um mundo onde as Artes não são valorizadas, sendo inclusive destruídas. E, surge a “Arca das Artes”, uma referência bíblica à Arca de Noé. Vemos o Davi de Michelangelo com uma prótese em uma das pernas. O Ministério das Artes se apresenta como o único espaço possível de sobrevivência das artes. Mas, para existir, a arte está sob domínio do Estado.

Emoldurando a sala de jantar do Ministério das Artes, está nada menos do que o quadro “Guernica”, de Picasso, que expressa exatamente os efeitos nefastos da guerra em uma população, além de representar também um símbolo de paz ou antiguerra. É interessante ver que o ministro, esse amante das artes, ao lidar com seu próprio filho não demonstra o mesmo carinho que tem pelas artes e o trata de forma impaciente e agressiva. Esse jovem, por sua vez, é apresentado como um ser robotizado e medicalizado. Essa cena também causa perplexidade, sobretudo porque nos remete às nossas crianças, que tanto sofrem, atualmente, com o excesso de medicalização. Mandela já dizia que se conhece a alma de uma sociedade pela forma pela qual trata as suas crianças.

Dessa forma, testemunhamos tentativas de destruir tudo o que dá prazer à vida: as artes, a criatividade, a solidariedade, enfim, tudo é esmagado, destruído. Podemos falar também de uma infertilização do humano, da vida.

Ao longo do filme surgem teorias explicativas sobre a questão da infertilidade da população. Grupos religiosos dizem que os nossos pecados despertaram a ira de Deus, com terremotos, poluição, doenças e agora a infertilidade. Mas Theo aponta que isso é algo que já vem acontecendo há algum tempo.

Jasper é amigo de Theo. A propósito, personagem surpreendente, pois apesar das terríveis violências que ele e sua família sofreram por parte do governo, ele não recua; ao contrário, resiste e através do seu humor nos brinda com falas geniais de críticas ao governo e à sociedade em que vive. Ao contar uma piada sobre as possíveis causas da infertilidade ele faz uma denúncia: “o cientista comeu a cegonha”. Se relacionarmos a cegonha à sexualidade, podemos nos perguntar qual o lugar da sexualidade nessa sociedade? Como ela é vista nesse mundo? Se a procriação se tornou assunto de Estado, cartazes e propagandas dizem que evitar teste de fertilidade é crime, observamos o controle do Estado sobre a sexualidade e a reprodução.

Difícil dizer quais são as causas da infertilidade no filme, mas o que chama a atenção é que num mundo onde a norma é ser infértil, uma jovem age fora da norma. Ela foi a única que ousou transgredir e engravidar. No filme, Kee, a jovem mãe grávida, nos diz: “- essa gravidez me fez me sentir viva. Ele está vivo. Estou viva”. As escolhas dos nomes dos personagens são meticulosas e essa jovem grávida tem um nome adequado ao seu papel no filme, ou seja, ela é a chave. Portanto, essa gravidez fora da norma traz como efeito imediato o renascimento da esperança, não só em Kee, mas para todos. Como se diz no filme: “o bebê é o milagre que o mundo estava esperando”.

Essa questão me remeteu à minha pesquisa com mães adolescentes (DADOORIAN, 2000). Ao engravidarem, essas jovens também agem fora da norma e mostram que sua gravidez traz novos significados para suas vidas. Trata-se de uma forma de resistência a um sentimento de não existência, e através desse estado elas se tornam visíveis e sua vida adquire um novo propósito. Assim, essa gravidez expressa também uma crítica a uma sociedade que oferece poucas alternativas para seus jovens.

Outro aspecto do filme é o fato de apresentar muitas referências bíblicas, como por exemplo o nome do personagem Theo, nome próprio de origem grega, cujo sentido literal é “Deus”. Ou, ainda, em cenas como quando Theo pergunta para Kee quem é o pai do bebê e ela sorri ironicamente e lhe responde que é virgem. Para em seguida dizer que teve relações sexuais com muitos homens, de idades, cores e nacionalidades diferentes. A sua resposta nos remete ao título do filme, isto é, *Children of Men* e, aqui, ao contrário da estória bíblica, percebemos que essa criança é filha do homem. O homem é assim convocado a assumir seu lugar na reconstrução da humanidade.

A genialidade desse filme está, sobretudo, em mostrar que a Esperança nasce no corpo de uma mulher, que além de ser jovem, é africana e imigrante. Ou seja, a esperança vem das minorias sociais! Isso é fantástico. E, o filme vai

além e nos surpreende ainda mais quando mostra que o novo messias não é um homem, mas, uma mulher! Kee é a Madona pós-moderna e o messias agora é uma mulher. Através do nascimento desse bebê-mulher-africano é o futuro da vida que se renova, pois ela crescerá e poderá gestar outros filhos e com isso, uma nova humanidade poderá surgir.

Assim, em meio ao caos causado pelas guerras e destruições, surge a vida. A vida teimando em viver. Somos brindados no filme com cenas lindíssimas, como quando Kee sai do quarto, já com sua filha nos seus braços e todos a reverenciam e se curvam a ela e ao seu bebê. E, na sequência dessa cena é o bebê-vida que interrompe, mesmo que por alguns segundos, a guerra e vemos os soldados abaixarem suas armas e se ajoelharem diante do bebê. Alguns fazem o sinal da cruz, como se estivessem diante de um milagre e reverenciam esse bebê-messias que faz renascer a esperança.

Ao final do filme, o encontro com o “Projeto Humano”, representado no barco “*Tomorrow*”, o “Amanhã”, aponta que há um futuro. Aqui também aparece uma referência bíblica, onde esse barco, cujas pesquisas poderão salvar a humanidade da extinção, também é uma referência à Arca de Noé,

Theo-Deus dá a sua vida para salvar a Messias, e assim, salvar o futuro, mas, nesse encontro com Kee e seu bebê ele pôde se reencontrar e achar um novo sentido para a sua própria vida. Ao saber que, em sua homenagem, a bebê levaria o nome do seu filho morto, Theo pôde descansar, a lembrança do seu filho permanecerá viva.

*Filhos da Esperança* é um filme lírico, delicado, repleto de lindas simbologias, mas ao mesmo tempo, é um filme que nos fala dos horrores que os homens podem infligir a seus semelhantes. Mas, no contraponto a isso, temos um bebê, um ser pequeno, frágil e descendente das minorias, mas que traz em si a possibilidade de fazer renascer a semente da solidariedade, do amor, do respeito ao próximo, ou seja, ele tem a força necessária para renascer nos homens a esperança.

Apesar de um futuro-presente assustador, o nascimento do bebê-messias-mulher-africana nos mostra que a vida, apesar das adversidades, consegue criar espaços para se fazer presente. Há esperança? Há esperança!

Novembro de 2018

**Diana Dadoorian**

d.dadoorian@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

## Referências

CUARÓN, Alfonso (Diretor). *Children of Men*. Estados Unidos: Universal Pictures, 2006.

DADOORIAN, D. *Pronta para voar, um novo olhar sobre a gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 89-119. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).